O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 48.º | N.º 2110

Sábado, 3 de Setembro de 1949

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

Turismo e... o tolismo do Sr. Dr. António Cristo

Resposta de Alberto Fonseca

Num dos últimos números do *Correio do Vouga*, semanário que se publica em Aveiro e num artigo intitulado *Turismo e... Tolismo*, permitiu-se o Sr. Dr. António Cristo fazer injustos e descabidos reparos à minha carta publicada no *Democrata* de 6 do corrente sob o título — *Aveiro, terra de magia* — onde eu expandia o meu amor à terra em que nasci e mostrava o desejo de a ver progredir e ocupar o lugar a que tem incontestável direito.

Diz aquele Sr. que não me conhece. Não admira. Deixei Aveiro ainda ele usava cueiros e recordo-me muito bem quando um ou outra vez entrava no estabelecimento de cêra que seu pai possuia na rua Direita, vê-lo ao colo de sua mãe.

Já lá vão trinta e tantos anos, mas lembro-me como se fora hoje, de seu pai — o Sr. Caetano Cristo, pessoa muito tratável, honrada e respeitadora e do Luizinho, empregado do mesmo estabelecimento e pessoa querida da família.

Se a memória me não atraiçoa havia mais crianças na casa, certamente irmãos do actual Sr. António Cristo, que, de lança em riste, veio a terreiro por eu dizer meia duzia de verdades que muito feriram a sua sensibilidade.

Quando se diz: *a geração actual é apática, morbida, doentia e insensivel*, fala-se duma maneira geral; não se quer dizer que não haja excepções. Foi sempre assim em todos os tempos e é assim em toda a parte. Se o Sr. Dr. António Cristo se acha no número das excepções, muito folgo com isso e felicito-o.

Estranho, porém, que pertencendo a êsse número, veja por prisma tão estreito os problemas vitais da sua terra, mormente no tocante ao turismo na privilegiada região de Aveiro.

Citar na época actual os serviços de encanamento de água, rede de esgotos, concerto de ruas, como obras de alta envergadura numa cidade capital de distrito, chega a ser pueril.

No momento que passa, em que tudo é actividade e dinamismo, e o progresso marcha por forma acelerada, vendo-se dia a dia as ciencias e as artes atingirem novos e vastíssimos horizontes, aquelas coisas são tão pequeninas, tão insignificantes, que ridículo se torna invocá-las como serviço meritório.

Em pleno século vinte—século da televisão, das invenções atómicas e de tantas outras descobertas como a estreptomicina, penicilina, etc., etc. — com turismo ou sem turismo, uma cidade capital de distrito deve possuir tudo quanto represente conforto e higiene dos seus habitantes. Não precisou o Sr. Dr. A. Cristo de citar a opinião do *maire* de Vichy para me dizer que o turismo exige água potável, esgotos, ruas bem calçadas, luz intensa, etc., etc., pois todos assim pensamos de há muito. Nem outra coisa se compreende nos dias de hoje.

Falo duma maneira geral. Porém, no caso especial de Aveiro, o problema exige particular acuidade.

Toda esta região é uma fonte inesgotável de belezas multiformes e turísticas por excelência, onde o homem não tem sabido aproveitar os encantos que a natureza lhe oferece.

Possuindo condições como nenhuma outra, tem permanecido e permanece em condenável marasmo, lezando, assim, até a economia nacional, pois a indústria de turismo, convenientemente explorada em Aveiro, seria uma enorme fonte de riqueza. Não lhe faltam os melhores e mais valiosos factores.

A propósito do valor desta indústria, diz o Sr. António Ferro no seu livro *Turismo—Fonte de de Riqueza e de Poesia*:

O nacionalismo essencial, inevitável, dessa indústria, justifica, só por si, o seu excepcional interesse. E' uma indústria que, na sua evolução, só pode favorecer Portugal e os portugueses. Mas podendo ser um factor de riqueza para as emprêsas particulares que a exploram e para as terras onde se desenvolve ou venha a desenvolver-se, pode ser igualmente uma grande fonte de riqueza para o próprio Estado, industrial do turismo por outros caminhos, não pelas taxas mínimas que percebe, mas pelas entradas de oiro que a sua acção inteligente pode abrir. O turista puro — não o esqueçamos! — é o único estrangeiro que não vem a Portugal buscar dinheiro, mas deixar dinheiro. Não é demais relembrar que o turismo foi durante muitos anos—e ainda é hoje—uma das maiores receitas da Itália, da Suiça e da Holanda.

Muito bem. É assim mesmo. O Sr. António Ferro é um espírito de *élite*, de um extraordinário poder de observação, imaginação fecunda e uma visão perfeita do problema.

Se a maior parte dos portugueses assim sentisse, ninguem teria a ousadia de classificar de *tolismo* uma ideia ou um alvitre digno do melhor acolhimento e aplauso.

Pretender desenvolver o turismo na Veneza de Portugal, levando além fronteiras, por todos os meios de propaganda e de acção, o nome duma terra que deslumbra, não é tolice, mas antes um prestante serviço à economia nacional e, portanto, à Nação. Só assim não julgam os tacanhos de espírito ou aqueles que têm pelos interesses nacionais a mais completa indiferença.

Toda a região de Aveiro pode, na realidade, ser um grande empório turistico, o maior no fomento desta indústria, o mais importante sob todos os aspectos e, para isso, só precisa do acendrado patriotismo dos homens.

Nenhuma região do pais a iguala no deslumbramento da paisagem, no seu folclore inconfundivel, no encanto e variedade dos panoramas de sonho e de magia que todo o distrito oferece e na magnífica posição geográfica que disfruta.

A região aveirense é, na verdade, a primeira de Portugal. O que se torna indispensável é que o homem compreenda, aprecie e sinta as maravilhas que a Natureza lhe proporcionou.

Diz ainda o Sr. António Ferro no mesmo livro atrás citado:

Nada nos falta: vales que são como cestos de flores e de frutos, montanhas que se prolongam no ceu; a renda do nosso litoral; florestas encantadas donde podemos topar, de repente, com a *Belle au bois dormant*; rios e lagos onde se colhem peixes como se colhem flores. Portugal, antologia de todas as paisagens; paisagens risonhas, coloridas como tapetes de retalhos, paisagens escalvadas, duras, abismos, paisagens suaves, impregnadas de saudades, onde se está com a impressão de ainda não ter chegado, paisagens humanas, sobre-humanas, paisagens que parecem de outro mundo ou de outros mundos.

Não faz o Sr. António Ferro uma referência especial a Aveiro, certamente porque o seu espírito de artista não se impressionou ainda com a majestade desta paisagem *sui generis* sem igual no mundo.

Estou certo de que se o Sr. António Ferro percorresse a ria em toda a sua plenitude e extensão, visitasse as praias da Costa Nova, Farol da Barra, S. Jacinto e Torreira, as povoações ribeirinhas com características especiais como a Murtosa, Pardilhó, Veiros, Bunheiro, Salreu e Fermelã, observasse bem de perto o seu interessante folclore, percorresse ainda todo o Vale do Vouga e as povoações que êste rio banha até que em intima simbiose com a ria, lance as suas águas no oceano, ficaria deslumbrado com o que a seus olhos se lhe deparava e faria naquele seu livro referência muito especial a essa região de maravilha.

Em parte alguma o turismo encontra um meio tão propício ao seu desenvolvimento.

Impressiona-se o turista com a psicologia do povo das zonas que visita, os seus costumes, as suas faculdades de espírito, os seus hábitos; interessa-se pelas especialidades da terra e cozinha regional, e, nesse capítulo, nenhuma terra iguala a Veneza de Portugal.

Duma vez, em Mafra, na Escola Prática de Infantaria onde eu prestava serviço como alferes de metralhadoras, um camarada meu disse-me no momento em que, ao jantar, nos serviam um prato de peixe: *êste Fonseca é duma terra admirável. Estive o ano passado em Aveiro e, com franqueza, não sei que mais apreciar: se os «ovos moles» que são uma delícia, se as apetitosas «caldeiradas» de enguias, se as suas encantadoras mulheres—que as vi lá elegantes e lindas como em parte nenhuma.*

Um aveirense, amigo da sua terra, ouve isto e fica confundido.

Com efeito, a fama das especiatidades de Aveiro, corre mundo porque são deliciosas.

As saborosas *caldeiradas* regionais prenderam sempre a atenção e consolaram o paladar dos visitantes que as preferiam a qualquer outro prato. O *mexilhão* em molho de escabeche, igualmente muito apreciado e os *ovos moles* são um manjar que a todos regala e seduz.

Em todas as épocas, as tricanas de Aveiro marcaram pela sua beleza e pela sua graça. Há trinta e cinco ou quarenta anos impunham-se de tal maneira que, falar de Aveiro era falar da notável formosura das suas mulheres, bem digna da paleta de Rafael. Uma ideia andava sempre ligada à outra.

Nos concursos de beleza promovidos pela *Ilustração Portuguesa*, era sempre uma tricana de Aveiro contemplada com o primeiro prémio. E não era só a fisionomia que encantava, mas ainda muitos outros atractivos que ela possuia — o seu fino espírito, a sua alegria exuberante e comunicativa, a elegância do seu trajar, a vida que em torno de si irradiava, tornando alegres os que estavam tristes.

Belos tempos! Da sua garganta de oiro e com voz melodiosa saía com frequência a sublime quadra:

Chamaste-me sevilhana
Pelo traçar da mantilha
E' que as tricanas de Aveiro
São rivais das de Sevilha.

Quem naquele tempo visitava Aveiro, ficava preso pelos olhares das suas tricanas.

Da primeira vez que jantei com o Dr. Sidónio Pais, na qualidade de comandante da guarda ao Palácio de Belem, encontravam-se à mesa, além de seu irmão, capitão Alberto Pais, o capitão Cameira, seu ajudante, o oficial às ordens, alferes Bernardo d'Albuquerque e não sei se o alferes Botelho Moniz, actual major.

Sidónio punha-nos inteiramente à vontade e, dirigindo-se-me, embora já me conhecesse do movimento que o levou ao poder, disse-me: *aqui não está o presidente, está o camarada.* Falou-se da terra natal de cada um dos presentes e cada qual lhe fazia as melhores referências, é claro.

A meu lado o Bernardo d'Albuquerque, que me conhecia de Mafra, pergunta: de que terra é você, Fonseca?

Respondi-lhe com os versos do poeta:

Da mais formosa e linda
Que ondas do mar e luz de luar
viram ainda.

E onde é isso? — perguntou.
E' a Veneza de Portugal, respondi.

Aveiro, disse Sidónio, olhando para mim; gosto muito de Aveiro. E' uma terra ideal. Linda terra e lindas mulheres — acrescentou o capitão Cameira. Como em parte nenhuma — disse-lhe eu. E durante o jantar, a conversa versou sobre Aveiro, as belezas da sua ria e sobre alguns aveirenses que Sidónio conhecia.

E de todas as vezes que a qualidade de comandante da guarda ao Palácio de Belem me impunha o dever de jantar com Sidónio, ouvia sempre um dito de espírito a propósito de Aveiro e das suas lindas tricanas.

Dizem-me que não desapareceram as qualidades rácicas da mulher aveirense; que são esbeltas e espirituosas como antigamente.

Valha-nos isso. O facto representa um importante factor na vitória do turismo. O estudo etnográfico desta região é indispensavel ao desenvolvimento e progresso da indústria turística.

Referindo-se em especial, às tricanas da Beira-Mar, diz o Sr. Dr. António Nascimento Leitão, no seu livro *Aveiro e a sua Laguna*:

Estatura mediana, craneo alongado e perfeitas as linhas fisionómicas. O rosto oval, de olhos e cabelos negros, nariz direito, boca regular, sorriso franco.

O seu donaire e sal ático são de destaque no confronto com outros tipos femininos do País e até da própria região.

Não passam despercebidas, a favor das tricanas do bairro da Beira-Mar, o olhar inteligente, o falar cantando, o sorrir, o cantar, o frenesi contagioso, as maneiras no falar—enfim a graça, a alegria, a loquacidade, além do espírito de iniciativa e outras manifestações de aptidão, ou de psicologia individual ou colectiva.

Activas como a abelha, como a cigarra cantadeiras, e previdentes como a formiga.

De facto, as tricanas de Aveiro diferem de bairro para bairro, tornando-se mais notadas pela vivacidade, desenvoltura e beleza castiça, as da Beira-Mar.

O turismo é, pois, uma indústria de largo futuro na Veneza de Portugal, desde que os seus melhores filhos não descurem êste assunto de tão magna importância.

Apelei e apelo para o *Democrata* como arauto das grandezas de Aveiro e porque sempre o encontrei a defender com altruís-

Afinal, a carta do sr. Alberto da Fonseca transformou-se em extenso artigo que os nossos leitores terão ensejo de apreciar e ao qual damos todo o espaço do jornal por se tratar de um verdadeiro hino à nossa terra. Sendo assim ficam para o próximo número, além de vários originais, a matéria já composta, embora isso, como é de calcular, nos contrarie.

Teve de ser.

Romão Júnior

Pagou o seu tributo à Morte, depois de longos meses de doença que o impossibilitaram de sair à rua.

Temperamento de artista, podia ter produzido mais, muito mais se os achaques, cêdo, não lhe deformassem as mãos, fazendo-o sofrer durante bastantes anos.

Deixou, ainda assim, numerosos trabalhos, entre os quais muitas miniaturas, que ficam a atestar o seu valor e a sua competência. Entre os primeiros temos o busto do *Cego do Maio*, na Póvoa do Varzim; uma placa decorativa do 1.º centenário de José Estevão que se acha no pedestral da estátua e, se não estamos em êrro, uma parte do monumento aos vencidos do 31 de Janeiro de 1891, no cemitério do Prado do Repouso, do Porto. Isto além de muitos outros espalhados pelo país.

Tinha o curso da Escola de Belas Artes do Porto, que tirou com distinção; foi discípulo do consagrado estatuário Teixeira Lopes; mestre de modelação na nossa Escola Industrial e dirigiu a *Foto Vouga* enquanto as forças lho permitiram.

O escultor Romão Júnior, que desde muito novo professava ideias republicanas, tinha 70 anos, era filho do falecido professor do Liceu, João da Maia Romão, de saudosa memória; pai da sr.ª D. Fernanda Romão e do sr. Lino Romão, e o seu enterro, modestíssimo ao máximo, realisou-se na sexta-feira da semana passada, para o cemitério central.

O Democrata é com mágua que regista o seu desaparecimento do mundo, enviando aos filhos sentidas condolências.

mo e coragem os interesses desta terra.

E aqueles cuja posição permite facilitar os meios de acção ou levar a efeito uma cruzada tão nobre e tão digna a favor da sua terra, não devem vacilar ou hesitar. Assim, mostrarão que não fazem parte da geração *apática, morbida e doentia* a que me referi na minha ultima carta e que tanto deu no goto do Sr. Dr. António Cristo.

* * *

Feriu também, deveras, a sensibilidade deste Senhor, a franqueza que me é peculiar e me levou a dizer que o *Democrata* é a única voz que se ouve a pugnar pelos interesses de Aveiro, a única que se levanta para atacar os desmandos, as inepcias, as imbecilidades que nos últimos tempos têm proliferado na formosa terra de José Estêvão, que morreria de desgosto se lhe fôsse possível voltar da paz do túmulo para observar a obra dos pigmeus que agora infestam a Veneza de Portugal que êle tanto amou.

E repete, aqui e além, as palavras *desmandos, inepcias, imbecilidades e pigmeus*, pretendendo fazer crêr que as obras de vulto concluídas e levadas a efeito por aveirenses ilustres que dormem já o sono dos justos e cuja memória para todos devia ser querida, é por mim diminuída e classificada d'aquela forma!

Nada de confusões! Devemos separar o trigo do joio, para que a farinha não saia estragada.

O que eu considero *desmandos, inepcias, e imbecilidades*, só próprias de pigmeus, são tantas coisas más que se têm praticado em Aveiro, sem consideração pelo bom nome da terra e sem respeito pelos legítimos direitos dos seus habitantes.

Por tudo quanto nos últimos tempos ao meu conhecimento tem chegado pela leitura do *Democrata*, verifico que uma onda de insania vem varrendo a minha querida terra não poupando o que há de mais sagrado.

E sobre o caso já me manifestei em carta, dirigindo-me ao director d'aquele jornal e publicada no seu número de 12 de Julho do ano findo, onde dizia:

> Tenho lido atentamente os seus belos artigos sobre o corte das árvores do Parque, da Avenida, do Jardim e do buxo do cemitério, etc, etc.
>
> Tudo isso causa calafrios.
>
> E' inacreditável o que se está passando nessa terra.
>
> Mexer no cemitério, cortar as frondosas colunas e pirâmedes de buxo que há tantos anos ali existem; destruir tudo isso sem respeito nem consideração pela memória d'aqueles aveirenses ilustres que lá dormem o sono eterno e votaram toda a sua arte e o seu amor ao encanto desse lugar sagrado que em 1921, quando deixei Aveiro, mais parecia um jardim do que um campo de mortos, chega a ser um sacrilégio revoltante.
>
> Que amargura tudo isto causa e que sentimentos tais desmanchos revelam!

Mas cortarem no cemitério as artísticas pirâmides e ornatos de buxo, chega a ser inacreditável pela maldade que tal facto revela. E' o cúmulo!

Dorme lá o sono eterno, o príncipe da eloquência parlamentar, José Estevão Coelho de Magalhães, o tribuno insigne, cujo nome só por si encheria Aveiro de prestígio.

Repousam lá em monumento que a Câmara mandou erigir em 1865, os restos mortais dos mártires da liberdade, dos heróis da revolução de 1828, Francisco Manuel Gravito da Veiga, Manuel Luís Nogueira, Clemente de Melo Soares de Freitas, Francisco Silvério Carvalho de Magalhães Serrão, Clemente de Morais Sarmento e João Henrique Ferreira, todos enforcados pelo despótico governo absoluto de D. Miguel.

Repousam lá tantos cidadãos ilustres que honraram Aveiro e souberam servir com patriotismo a terra onde nasceram.

Haja respeito pelos mortos!

Um cemitério é lugar sagrado e religioso que deve inspirar devoção e piedade, e o que se fez é intolerável e condenado pelos mais elementares princípios da moral cristã.

E não seria motivo para que o grande tribuno morresse de desgosto, se lhe fôsse possivel voltar da paz do túmulo para observar aqueles desmandos?

Não seria essa afronta o bastante para êle, que tanto amou a sua terra, sentir a mais profunda repulsão por quem pratica tais dislates?

De certo, porque José Estêvão foi um inclito cidadão, um fervoroso apostolo da liberdade, uma grande inteligência ao serviço dum magnanimo coração, um justo e um bom que tanto engrandeceu e honrou a cidade de Aveiro.

Todos os aveirenses tinham por dever, ir em piedosa romagem à sua campa oferecer-lhe as flores da sua veneração e do seu respeito. Deviam adorar a memória de tão prestante cidadão, trazê-lo sempre no coração em homenagem aos serviços que prestou à sua terra e ao prestígio que o seu nome glorioso lhe concedeu.

* * *

Diz o Sr. Dr. A. Cristo no artigo atrás citado, que no concelho se *continuam a realizar melhoramentos que a todos espantam* e que *é preciso dizer ao Senhor da carta que entre os desmandos, as inepcias e as imbecilidades que nos últimos tempos têm proliferado em Aveiro, estão as obras do Porto, da Barra e da Ria, estão a construção do Parque, a abertura da Avenida, e edificação do Hospital, do Mercado, dos Correios, do Seminário, do Liceu, das Escolas, do Bairro Económico e da Cadeia, as reparações da Câmara, da Misericórdia, do Museu, do Govêrno Civil e dos Quarteis de Cavalaria e Infantaria.*

Basta de impudor e de mentira!

Chega a ser inconcebivel tal atrevimento!

Ninguém classificou de desmandos, inepcias e imbecilidades nenhuma dessas obras, algumas de grande vulto, e que representam na sua quase totalidade o esfôrço titanico de quem não pertence já ao número dos vivos.

A mentira é uma arma falsa e traiçoeira que fere sempre quem a utiliza.

A mentira avilta e vexa quem a ela recorre como argumento de defesa. A mentira engendrada como astúcia corrompe e deprime e quando ardil ou esperteza saloia depressa se desfaz, mostrando a curteza de vistas de quem d'ela lança mão como única tábua de salvação.

Quase todas as obras atrás citadas, algumas das quais dum extraordinário valor, são o fruto duma lucta gigantesca travada em prol de Aveiro por êsse Homem grande entre os maiores, pelo seu caracter probo e firme, pela sua honra inconcussa, pela nobreza dos seus sentimentos, pelo seu valor intrinseco ao serviço de todas as causas nobres —as mais puras, as mais santas, as mais humanas, êsse grande Homem que em vida se chamou Lourenço Simões Peixinho.

E' a êle, e só a êle, que Aveiro deve o que se fez nos últimos trinta anos em favor da cidade e do concelho.

Inepcias, imbecilidades e desmandos na obra do Dr. Lourenço Peixinho?

O articulista tudo baralha, tudo confunde, desvirtua e falseia os factos, mas tudo se desfaz, tudo cai como castelo de cartas à luz cintilante da verdade.

Desde que o Dr. Lourenço Peixinho tomou posse da presidência da Câmara, admirei sempre a sua acção e o seu dinamismo invulgares e já, antes disso, o admirava como médico abalisado e lhe tributava toda a minha estima.

E da negra ingratidão que para com êle alguns tiveram nos ultimos anos da sua vida, dizia eu no *Democrata* de 7 de Junho de 1947:

> Punge-me o coração saber que a obra do Dr. Lourenço Peixinho não é apreciada com a justiça a que tem incontestável direito e que a ingratidão impera, lançando ao ostracismo a memória do inclito cidadão a quem Aveiro tanto deve e que além dum lídimo caracter, foi sempre um lutador intemerato pelo prestígio e progresso da sua terra.
>
> Todos os aveirenses se deviam curvar perante a memória desse Homem e erigir-lhe no coração um monumento de pura e sincera veneração.
>
> E' a êle e só a êle, pois, que se devem todos os melhoramentos que deram à cidade um aspecto profundamente citadino. Ao seu esfôrço herculeo que eu admirei logo de começo, quando êsse Homem raro, todos os dias, pela manhã cedo, acompanhava os operários nas obras da Avenida, dirigindo, orientando, dando alvitres aos tecnicos, assistindo a tudo em prejuizo da sua saúde e da sua própria bolsa, pois muitas vezes as verbas em cofre não chegavam para pagar as férias ao pessoal e era da sua algibeira — não muito farta — que êle custeava as despesas de salários.
>
> Êsse Homem grande entre os maiores, morreu. E quem ficou a substituí-lo?
>
> Responde o Sr. Dr. Jaime Duarte Silva, no seu discurso de despedida ao grande morto:
>
> > Morreu um grande e bom cidadão que marcou decididamente na vida citadina e no concelho e—pobre de nós! —que ficam sem ninguém que o substitua!
> >
> > Ninguém!
> >
> > Morreu um grande aveirense! Morreu um bom aveirense!
> >
> > Pelo destino da humanidade que se afunda, que perde as suas virtudes e altos sentimentos colectivos, e a sua lealdade e amor ao próximo, vai-se quem é grande, vai-se quem é bom e ficam —e eu entre eles—os insignificantes e os maus.
> >
> > Lourenço Peixinho deixa uma memória que é imorredoura e que a todos os instantes lembrará.
>
> Ninguém apareceu até agora a substituí-lo e só tem aparecido quem pretende a todo o transe conspurcar e destruir a sua obra ou tirar-lhe o realce que a tornava admirável e inconfundível.

As obras de vulto que o Sr. Dr. A. Cristo refere no seu artigo, pretendendo fazer acreditar que as incluo no rol dos *desmandos, das inépcias e das imbecilidades*, foram sempre por mim sinceramente apreciadas e devem se exclusivamente à acção extraordinária de Lourenço Peixinho, conforme muito bem declarou o Dr. Alberto Souto no seu discurso de despedida junto do ilustre extinto:

> São de gratidão de aveirense as minhas palavras! Porque ele dotou a cidade com esse Hospital magnífico que o Visconde da Silva Melo começou, mas que ele concluiu e elevou à alta categoria que hoje tem. Porque rasgou essa avenida que representa uma cidade toda nova das mais alegres e risonhas de Portugal. Porque ele acabou de transformar o velho largo da Cadeia numa praça à altura dos seus designios; porque ele arrancou d'umas terras de lameiro um Parque, que, sendo agradável e higiénico recreio da população é um dos mais belos do país e cujo elogio tantas vezes tenho escutado aos visitantes; porque ele criou e sustentou uma biblioteca pública de cultura popular, uma colónia balnear Infantil, assistências escolares, uma sopa de pobres; porque dotou a cidade com marcos fontenários e lavadouros; porque lançou as bases, dificílimas aliás, de abastecimento definitivo de águas potáveis, de um mercado e de um matadouro e porque fez uma clínica desinteressada em que as classes pobres tiveram o melhor quinhão.

Não torna, infelizmente, a aparecer em Aveiro, homem que o iguale ou dele se aproxime. O seu poder de concepção e de realização era extraordinário.

Nada o detinha, nada o intimidava quando se tratava dum serviço a prestar à sua terra.

Tal qual como Rosa Araújo, em Lisboa, pagava muitas vezes da sua algibeira, só para que as obras da avenida não parassem e chegassem ao seu termo no mais curto prazo.

Nunca nenhum presidente de município se sacrificou tanto nem dispendeu uma acção tão notável durante um lapso de tempo tão longo!

Os aveirenses não devem esquecer nunca esse homem nobre no mais elevado sentido da palavra, honrado e generoso, desvelado amigo dos pobres e amparo de quantos a ele recorriam.

Quantas dores ele suavizou e quantas lágrimas ele enxugou!

Através de todos os tempos, o povo de Aveiro tem mostrado sempre os melhores sentimentos de abnegação, dignidade, filantropia e gratidão.

A obra do Dr. Lourenço Peixinho não deve desaparecer embora se pratiquem *desmandos, inépcias e imbecilidades.* Ela deve perdurar no coração de todos os aveirenses, em monumento de veneração e respeito mais forte que o bronze, mais firme que o mármore.

E' preciso que os aveirenses mantenham os seus créditos de outrora, de gente sã e agradecida, indicando aos vindouros os filhos que mais honraram e engrandeceram a sua terra.

E os maus e os ingratos que sejam, para todo o sempre, amarrados ao pelourinho da sua miséria moral.

* * *

O mesmo articulista Dr. A. Cristo diz que no rol dos *desmandos, inépcias e imbecilidades* por mim já claramente concretizadas, estão as obras do porto e barra de Aveiro, cujo problema foi estudado *com admirável inteligência e inexcedível devoção por Homem Cristo, Rocha e Cunha, Alberto Souto e tantos outros, até vê-lo triunfantemente resolvido.*

Tal afirmação chega a ser irrisória.

Nunca o signatário destas linhas apoucou as obras da Barra e da Ria ou lhes fez qualquer referência desprimorosa. Foi assunto em que nunca se meteu e de que nada percebe.

A presidência da Junta Autónoma da Barra e Ria de Aveiro tem sido sempre conferida a pessoa de reconhecido mérito e à altura da função.

Mas não só os seus presidentes como todos os aveirenses que têm defendido o problema ou mostrado o desejo da sua realização, mereceram-lhe sempre a maior estima e respeito.

Homem Cristo, àparte o seu feitio e processo de combate jornalístico, foi um homem de valor, de grande cultura,—mesmo enciclopédico—cuja conversa prendia e tinha poder de insinuação. Embora não fôsse muito versado em assuntos de hidráulica e engenharia, enquanto presidente da Junta Autónoma, fez-se rodear de individualidades competentes, à altura do cargo que ocupavam.

O Comandante Rocha e Cunha, durante muitos anos capitão do porto de Aveiro, foi um oficial da Armada distintíssimo, muito inteligente, erudito, profundo na ciência náutica, conhecendo, como poucos, todos os segredos da navegação, pôs sempre a sua inteligência e vasta cultura ao serviço do problema da Ria e Barra de Aveiro.

Era visita da minha casa e, por isso, tive ocasião de apreciar a probidade do seu carácter e as suas nobres qualidades.

Alberto Souto, um pouco mais velho do que eu, é um espírito cheio de elegância e de brilho. Admiro-o desde os tempos de rapaz, desde os tempos em que a sua palavra fluente e entusiasta tinha o condão de arrebatar os auditórios.

Acêrca da sua acção no plano urbanístico de Aveiro, escrevi no *Democrata* de 7 de Junho de 1947 entre outras coisas, o seguinte:

> Tenho lido com profundo alvoroço os artigos do Dr. Alberto Souto sobre o plano urbanístico de Aveiro.
>
> Lamento que os seus alvitres não sejam aceites, quando eles só revelam bom senso, visão clara, patriotismo, vontade de progredir e acompanhar o desenvolvimento que a maior parte das cidades de província têm tomado nos últimos anos.
>
> . . . .
>
> Haja bom senso, competência, previsão e amor pela terra, nos homens que a conduzem! Escutem atentamente as lições do Dr. Alberto Souto e sigam os seus conselhos; prestarão dessa forma um relevante serviço à cidade.

O actual presidente da Junta Autónoma, Sr. Coronel Gaspar Ferreira, é uma pessoa cheia de merecimentos, oficial muito distinto, inteligente e culto, foi meu instrutor na escola de recrutas, quando alferes de infantaria 24, em Aveiro e, por isso não me é estranho.

O Sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, ilustre prelado da Diocese, é, segundo tenho ouvido a boa gente, um grande espírito, um sacerdote virtuosíssimo, praticando a caridade e o cristianismo com a mais acrisolada devoção e pura fé. Há muitos anos que o não vejo. Recordo-me de Sua Ex.ª Reverendíssima, quando Bispo de Angola e Congo, esteve de passagem em Aveiro, em 1906 ou 1907, e parece-me vê-lo ainda com a sua barba preta de missionário. Figura simpática, onde transparecia a bondade de uma grande alma.

Ora diz o Sr. Dr. A. Cristo no seu artigo, que os fautores dos *desmandos, inépcias e imbecilidades* a que me venho referindo, são da craveira dos quatro ilustres cidadãos atrás referidos e de outros cujos nomes menciona, citando entre eles o Dr. Lourenço Peixinho.

E' o cúmulo do impudor e do descaro!

Da craveira do Dr. Lourenço Peixinho aqueles que só pretendem destruir a sua obra?

Não!

Para serem da craveira dêste grande e benemérito aveirense, seria necessário que amassem Aveiro, que sentissem, como ele, o coração palpitar por tudo quanto dissesse respeito a esta terra e lhes fervesse o sangue de indignação e de revolta quando os seus interesses estivessem em perigo.

Seria preciso que tivessem o culto da árvore e da flôr, o culto do belo, o amor das grandes concepções e o poder de criação e de realização, que era a faceta mais viva do seu carrcter.

Seria preciso que respeitassem a árvore — factor de vida e de riqueza — e não a cortassem, como fizeram no Parque, na Avenida, no Jardim etc., etc. e não sacrificassem as artísticas pirâmides de buxo do cemitério, que constituiam um património sagrado.

Da craveira do Dr. Lourenço Peixinho?

Quem?

> Morreu um grande e bom cidadão que marcou decididamente na vida citadina e do concelho e—pobre de nós! —que ficamos sem ninguém que o substitua!
>
> Ninguém!
>
> Morreu um grande aveirense! Morreu um bom aveirense! — (palavras do Sr. Dr. Jaime Duarte Silva no funeral do ilustre extinto).

* * *

Eu não ponho em dúvida que na actual geração haja aveirenses de valor, cheios de boa vontade e decididos a defender os interesses da sua terra.

Mas êsses — que não são *apáticos, mórbidos* e *doentios* — constituem, como já disse, as excepções à regra.

Infelizmente o fenómeno não se verifica só em Aveiro; constata-se em todo o país, na época que passa.

Quem conviva com a geração actual e observe bem a sua acção, o seu critério, a sua maneira de agir e estabeleça confronto com a geração de há 30 ou 40 anos, fica estarrecido.

O mal é da época, dizem. Naquele tempo, novos e velhos tinham vontade própria, acção decidida, energias nos actos, e nunca seria possível praticar os *desmandos*, as *inépcias* e as *imbecilidades* que a geração actual consente e aplaude.

Apesar de bastante novo, o Sr. Dr. António Cristo não deve, certamente, ignorar que em todas as épocas houve em Aveiro, *eminentes professores de todos os graus de ensino, médicos, advogados e engenheiros muito competentes, artistas de apurada sensibilidade, militares valorosos e marinheiros destemidos, industriais e comerciantes de arrojada iniciativa, estudantes distintos, gente afamada de todas as condições socias.*

Aveiro ocupou sempre um lugar de destaque, proeminente na tribuna parlamentar e forense, na política, nas artes, nas letras, nas ciências, no comércio, na indústria e em todas as manifestações da actividade e da inteligência.

Mas, infelizmente, a morte vai dizimando cidadãos ilustres que a esta terra votaram todo o seu amor, muitos dos quais com sacrifício da saúde e bem estar.

Desapareceram José Estêvão, Luís Cipriano, Edmundo Machado, Mendes Leite, Manuel Firmino,

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes.

Luís de Magalhães, Gustavo Ferreira Pinto Basto, João Romão, Joaquim de Melo Freitas, Rocha e Cunha, Lourenço Peixinho, Jaime Duarte Silva e muitos outros que a Parca levou e tanta falta fizeram à cidade.

E' preciso que os novos sigam o exemplo dos velhos no amor da Pátria, na abnegação, no estoicismo que sempre mostraram ao serviço da terra onde nasceram e ao passarem junto do mármore e do bronze que na praça pública perpectua a memória do lídimo aveirense que foi José Estêvão, possam afirmar com orgulho: é maior o monumento de veneração e de fé, erguido no meu coração.

* * *

Amo acrisoladamente a minha Pátria pela qual me bati com armas na mão, arriscando a vida numa emergência difícil em que o seu prestígio e honra corriam risco.

Nunca fugi ao perigo nem nunca pretendi — como tantos — escapar-me nos momentos críticos.

Adoro o meu Aveiro e trago-o sempre no coração, recordando a todo o momento, com saudade, os anos que passei nessa terra sem igual.

Curvo-me, por isso, reverente e agradecido perante todos aqueles que a Aveiro dedicam o seu afecto e lhe prestam devotadamente os seus serviços, concorrendo, assim, para o fomento económico ou urbanístico dessa encantadora Veneza.

Com devoção religiosa ajoelho ante a memória sagrada daqueles que dormem o sono eterno e tanto trabalharam pela prosperidade desse torrão adorado.

Como aveirense, não posso esquecer os dois egrégios cidadãos que, felizmente, me foi dado conhecer, para poder admirar as suas virtudes e o esforço insano a favor da minha terra: Gustavo Ferreira Pinto Basto e Lourenço Simões Peixinho.

Foram êles que fizeram de Aveiro a cidade alegre, linda e cheia de realce que hoje todos admiram.

Nunca ataquei ou ofendi quem serve a minha querida terra, antes ao contrário, tenho rendido sempre homenagem àqueles que a sabem servir e amar.

Punhados de lama sôbre a memória querida dum aveirense ilustre atiram aqueles que se permitem destruir ou modificar a seu *bel prazer*, a sua obra tão notável.

Não teme as ameaças que o Sr. Dr. A. Cristo tem a audácia de lhe dirigir, um aveirense da velha guarda com sangue transmontano à mistura e cujo lema durante tôda a sua vida, tem sido a Verdade, a Justiça e a Razão.

E ponto final no assunto.

Registe-se

—o—

Um telegrama expedido no último sábado, pelas 16,15 h., de Lisboa só foi recebido segunda-feira às 11,20 h., na Rua de Santa Joana, desta cidade.

Com vista à Administração Geral dos C. T. T.

No Jardim Público

—o—

Deu, no último sábado, o anunciado concerto, a Banda da Companhia V. S. P. Guilherme G. Fernandes, que tem por regente o sr. Manuel Mouro.

Agradou, mas a assistência é que foi escassa.

* * *

E' ámanhã que a Tuna de Riba d'Ave visita Aveiro e as nossas praias, dando ali um concerto, pelas 15 horas, sob a regência do sr. cap. Pereira Biscaia.

Executará o seguinte programa:

I PARTE

Hino das Fábricas . . .	C. Gil
Como yo te quiero (P. D.)	A. Stoffel
Estrêla do Minho (Ouv.)	P. Ribeiro
Rap. de Cantos Populares	A. Pereira
Traviata (Sel. da Opera)	Verdi

II PARTE

Rap. de Cantos Populares	Chicoria
Csardas	Monti
Badilla (P. D.)	Nogueira
Hino das Fábricas . .	C. Gil

Há interesse em ouvir este conjunto artístico.

SALDO DE CONTAS

A imprensa diária publicou o relatório da Conta Geral do Estado referente a 1948, verificando-se pela sua leitura que a administração do país se mantem dentro dos mesmos princípios de há 20 anos introduzidos por Salazar.

O saldo positivo é de 66.100 contos — êsse pouco.

Benemerência

Pelo sr. Alvaro Pereira, gerente nesta cidade do depósito das máquinas de costura *Husqvarna* foi-nos entregue com a importância da sua assinatura mais 20$00, para os pobres do jornal, que deram entrada no respectivo mealheiro.

Agradecemos.

Garraiadas

Realizou-se, domingo, na praia do Farol, que voltou a registar grande movimento, revertendo a receita para as casas de caridade.

O improvisado redondel, nas traseiras da Assembleia, esgotou a lotação.

Amanhã realisa-se outra no mesmo local, com igual fim beneficente.

Desportos náuticos

Realizaram-se ultimamente provas de natação na Piscina da Curia, tendo-se evidênciado alguns aveirenses que obtiveram as melhores classificações.

Desvanece-nos, pois é sempre consolador ver triunfar nadadores da nossa terra.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria Luísa Marques Mendes, esposa do comerciante sr. Carlos Mendes, a menina Maria Fernanda Génio de Lima, filha do sr. cap. Barata de Lima, e o sr. Arnaldo Alves dos Santos, de Coimbra; amanhã, os srs. Afonso Alves, comerciante naquela cidade; Francisco da Silva Rocha, director do Banco Regional, e o filho Joaquim Humberto, do sr. Lino Costa; no dia 6, a sr.ª D. Maria Emília Pinto Madaíl, esposa do nosso presado amigo António Madaíl, e o sr. Luís Manuel Rodrigues, funcionário do Secretariado Nacional de Informação; em 7, a sr.ª D. Lúcia Fernandes Costa Trindade, esposa do sr. Humberto Trindade, da importante firma Trindade Filhos, L.da, *e o sr. Manuel Graça Baptista, chefe de Secção dos Serviços Electrotecnicos dos C. T. T. da capital, e em 8, o menino Joaquim António, filho do sr. Henrique Pina Correia, e neto do conselheiro Azevedo e Castro, nosso velho amigo.*

Gente nova

Deu à luz um menino a sr.ª D. Armanda Ferreira Leitão, esposa do comerciante sr. Carlos da Rocha Leitão.

Parabéns.

Partidas e Chegadas

Cumprimentámos nesta cidade os srs. Alvaro da Rosa Lima, Mário Delgado, esposa e gentis filhas, residentes na capital, e Manuel Sobreiro, estudante universitário em Coimbra.

—Regressou de Sever do Vouga, o sr. Severiano Pereira, ajudante da Conservatória do R. Civil.

Praias e Termas

Está na Curia à sr.ª D. Maria Júlia Lopes, que na próxima semana tenciona seguir para o Gerez.

—Encontra-se na Figueira da Foz o sr. Fernando Betencourt, 1.º sargento de Infantaria 10 e regressou da Costa Nova, o sr. José F. da Costa Mortágua, empregado da Vacuum e respectivas famílias.

Pesca do bacalhau

—o—

Chegou o arrastão *Santa Princesa*, da Empresa de Pesca de Aveiro, L.da, com 17 mil quintais de bom peixe.

Trouxe a bordo a tripulação do *Júlia IV*, devorado por um incêndio na Terra Nova, mas ao entrar a barra encalhou numa restinga de areia, tendo-o, porém, arrancado dessa posição o rebocador *Vouga* na altura da vazante.

Encontra-se agora à descarga no seu ancoradouro.

Cine-Teatro Avenida

PROGRAMA

Sábado, 3 (às 21,45 h.)

O último filibusteiro

Domingo, 4 (às 15,45 e 21,45 h.)

A cruz do pecado

Terça-feira, 6 (às 21,45 h.)

As duas orfãs

Quinta-feira, 8 (às 21,45 h.)

Mare nostrum

Em 10:

Caravana

Brevemente:

Rúa sem sol

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,21 (correio)	0,24 (correio)
5,50 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	9,19 (rápido) [1]
8,05 (tram.)	11,13 (tram.)
12,56 (rápido)	12,20 (correio)
13,06 (tram.)	15,33 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,50 (mixto)
20,56 (tram.)	Do Porto chegam tram. ás 19,03 e 21,07 que não seguem.
22,59 (rápido) [1]	

(1) Só se efectuam às terças, quinta feiras e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	7,31
15,15	10,48
17,38	19,12
20	23

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Naufrágio

—o—

Notícias da Terra Nova deram conhecimento na sexta-feira da se mana passada, da perda do lugre *Navegante II*, que pescava no Grande Banco e se afundou por não resistir a um violento temporal. Pertencia ao sr. João Maria Vilarinho, estava matriculado na nossa praça, mas a tripulação, composta de 9 homens, foi salva por outros navios assim como toda a companha.

Alguns dos náufragos veem já a caminho.

Sanguessugas

Continuam a ser remetidas para a América em grandes quantidades e de avião para chegarem mais depressa.

O que ainda se não sabe é os resultados nas doenças dos olhos a que se destinam.